

Educomunicação e Ensino Médio: Uma Análise do Uso de Mídias na Prática Docente¹

Isys Helfenstein Remião²
Universidade Federal do Paraná, PR

Resumo

A proposta deste artigo é refletir sobre o uso das mídias na perspectiva da educomunicação. O estudo faz parte da dissertação de mestrado em Comunicação em que os sujeitos da pesquisa são os professores da Escola Estadual Reverendo Augusto Paes de Avilla, em Praia Grande, São Paulo. A análise empírica baseou-se em entrevistas em profundidade visando compreender os fatores que influenciam o uso das mídias na prática docente e se este uso dialoga com os elementos da educomunicação, vistos aqui como: democracia, dialogicidade, expressão comunicativa e a gestão compartilhada dos recursos da informação. Os autores que contribuem para a fundamentação teórica na interface comunicação e educação são Ismar de Oliveira Soares (2001, 2011) e Adilson Citelli (2004), Jesús Martín-Barbero (2014) e Guillermo Orozco Gómez (1997).

Palavras-chave: educomunicação; escola; ensino médio; mídia; professores.

Introdução

Os jovens passam parte da sua vida no ambiente escolar, por isso a escola é ou deveria ser entendida como um novo lugar social, um lugar de comunicação, de troca de sentidos e construção de diferentes identidades, que considere as formas de aprender e se relacionar desse novo aluno globalizado, conectado e alfabetizado nas novas tecnologias. O intuito não é discutir somente a inserção das novas tecnologias, da internet e das redes sociais digitais na educação, mas todos os meios e formas de comunicação que estão presentes no ambiente escolar, compreendendo a mídia não como um recurso didático e sim como parte do processo dialógico da aprendizagem.

O avanço tecnológico contribuiu muito para o crescimento da produção e circulação de informações, principalmente a partir do século XXI, mas não é o fator determinante para que se efetive a relação entre comunicação e educação no ambiente escolar. Experiências como as dos educadores Celéstin Baptistin Freinet e Janusz Korczak revelaram o uso do jornal para uma mudança definitiva no modo de fazer educação, numa época marcada por

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, email: isysremiao@gmail.com
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Rosa Maria Cardoso Dalla Costa

duas guerras que mudaram o mundo na metade do século XX. Ambos criticavam os métodos tradicionais de ensino da época e acreditavam que a educação precisava estar vinculada a princípios como democracia, liberdade e autonomia, e encontraram no jornal uma forma de despertar o interesse das crianças e dialogar com o mundo delas (SOBREIRO, 2006).

Experiências em diversos cantos do mundo foram se multiplicando antes mesmo de se tornarem objetos de estudo e sistematização no universo acadêmico. Algumas nasceram de movimentos populares, outras por iniciativa de educadores inquietos com o modelo de educação vigente, também tiveram aquelas que utilizaram os meios como instrumento multiplicador e outras que os utilizaram para aprendizagem e objeto de análise.

A educomunicação como um campo de intervenção social e de pesquisa acadêmica tem as suas raízes nas experiências de educadores como Freinet, Korczak, Paulo Freire e Mário Kaplún, que repensaram a forma de ensinar, aproximando a comunicação da educação. Segundo Soares (2011, p. 17):

“para construir o diálogo entre os dois campos (comunicação e educação), parte-se de dois axiomas. O primeiro afirma que a educação só é possível enquanto ‘ação comunicativa’, uma vez que a comunicação configura-se, por si mesma, como um fenômeno presente em todos os modos de formação do ser humano. O segundo axioma afirma que toda comunicação – enquanto produção simbólica e intercâmbio/transmissão de sentidos – é, em si, uma ‘ação educativa’.

O autor ressalta que o tipo de comunicação que se pretende na educação é baseado na educação dialógica, defendida por Paulo Freire (apud Soares, 2011), que tem como foco a construção solidária e compartilhada do conhecimento. Ou seja, uma comunicação essencialmente dialógica e participativa no espaço escolar contribui para a prática educativa, para o aumento da motivação dos alunos e para a melhoria na relação professor-aluno com novas possibilidades de aprendizagem.

Dessa forma, o que se pretende neste artigo é compreender como os professores, de uma escola pública, de ensino médio, fazem uso das diferentes mídias nas suas práticas pedagógicas e refletir quais são as aproximações com o campo da educomunicação.

A Escola Estadual Reverendo Augusto Paes de Avilla, escolhida como o local de observação da pesquisa, está situada no município de Praia Grande, estado de São Paulo e faz parte do Programa de Ensino Integral da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo desde 2012, o qual tem como um dos princípios educativos o protagonismo juvenil e a

utilização das novas tecnologias como um dos elementos da concepção de educação integral (SÃO PAULO, 2012, p. 9-14).

A Escola possui 346 alunos nos três anos do Ensino Médio e 19 professores, dispõe de laboratório de informática, sala de vídeo e de leitura, notebooks disponíveis para os alunos, salas de aula com projetores multimídia e todos os professores possuem seu próprio notebook para atividades cotidianas da escola.

A pesquisa empírica teve como ponto de partida a etapa exploratória que contou com a aplicação de questionários aos professores a fim de investigar a formação, a área de atuação e o perfil dos docentes e mapear o uso de mídias tanto para consumo pessoal como para a prática pedagógica-; e ainda uma análise dos “guias de aprendizagem”³ com o intuito de verificar se e como a comunicação e/ou as mídias estavam inseridas no currículo das disciplinas. A partir dessa primeira análise foram selecionados seis professores, seguindo os critérios estabelecidos previamente: participar de projeto (s) de comunicação na escola; ter feito curso (s) extra (s) de comunicação; responder de forma contextualizada sobre a comunicação e não apenas a tecnologia (no questionário); e incluir no guia de aprendizagem a temática de comunicação (como conteúdos ou habilidades).

A segunda etapa, que será explorada neste artigo, utilizou como procedimento metodológico a entrevista em profundidade, semi-aberta, que permitiu a conversação entre a pesquisadora e os professores, individualmente. A entrevista foi orientada por um roteiro de perguntas previamente estabelecido e, ao passo que o diálogo se constituía, outros elementos puderam ser questionados. “Cada questão é aprofundada a partir da resposta do entrevistado, como um funil, no qual perguntas gerais vão dando origem a específicas” (BARROS e DUARTE, 2015, p. 66). As entrevistas foram realizadas no período de março a abril de 2016, na própria escola.

A fundamentação teórica do campo da educomunicação está centrada nos autores Soares (2001 e 2011), Citelli (2004), Kaplún (1999), Martín-Barbero (2014), Moran (1993) e Gómez (1997).

Escola e os meios: uma ponte necessária

Os meios de comunicação estão presentes na escola e nas salas de aula, mesmo quando se é negado a sua existência pelos professores ou pelo próprio sistema formal de ensino. Tanto os professores como os estudantes vivem em contato com as diversas mídias

³ O Guia de aprendizagem é a organização da disciplina pelo professor, em que consta os conteúdos trabalhados e as habilidades a serem desenvolvidas em cada disciplina.

que são capazes “de provocar alterações nos comportamentos, criar referências para o debate público, influenciar na tomada de decisões, além de revelar, muitas vezes, os próprios limites do discurso pedagógico.” (CITELLI, 2004, p. 140)

Estamos diante de uma mudança profunda nas práticas culturais – de memórias, de saber, de imaginário e de criação – que levam a mudança de sensibilidade. E essa mudança não está apenas vinculada ao fator tecnológico ou à dominação de uma lógica comercial mas, principalmente, porque os meios de comunicação desafiam a escola a adentrar na sociedade da informação e nos novos espaços e formas de socialização, uma vez que são responsáveis por descentralizar os modos de transmissão e circulação do saber (MARTÍN-BARBERO, 2014). A escola é um lugar em que essa mutação (da sensibilidade) se converteu em um conflito de culturas, que reflete na luta da escola contra a “pseudocultura do entretenimento”. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 65)

Até a chegada do computador, a escola podia se distanciar dos meios com a prerrogativa de se ocupar do espaço do conhecimento, das letras e da ciência, cabendo aos meios como o rádio, o cinema e a televisão, espaços do lazer e do entretenimento. Com a revolução eletrônica, essa justificativa não foi mais possível, pois a “informática une o lazer e o trabalho, o texto escrito ao imagético, a ciência à arte, o entretenimento à pesquisa.” (SOARES, 2001, p. 49-50). O computador proporciona a comunicação, a interatividade, o trabalho em grupo, por isso é capaz de revolucionar a prática pedagógica tradicional, tornando o aluno o próprio agente de seu aprendizado e o professor um facilitador que constrói com ele seu conhecimento, estimulando a curiosidade e a pesquisa (SOARES, 2001).

A escola se sustenta nos códigos da escrita e na busca pelo controle, enquanto os meios caminham na direção oposta, na falta do controle e na pluralidade de códigos, inclusive com a imagem.

“A noção de imagem, desde Platão, sempre foi vinculada ao verdadeiro e ao falso, ao visível e ao invisível: a imagem televisiva reflete de forma intensa esse conflito e seu significado ameaçador para um modelo de sociedade baseado em projetos de controle do tempo social coletivo. *Media* e sociedade, por esse modelo da modernidade, sempre foram matrizes de conflito.” (SOARES, 2001, p. 28)

Martín-Barbero (2014) defende a importância da articulação entre os modos de ler, uma vez que está na educação a base para formar cidadãos que saibam “ler” as diferentes mídias. De que adianta hoje a sociedade ter acesso a todos esses meios se não possuem instrumentos para questioná-los?

Por isso, o discurso escolar tem que se relacionar com essas outras sensibilidades e sociabilidades que os meios de comunicação, os recursos da publicidade e o acesso ao computador e a internet, provocaram nos modos de aprender, ver e se relacionar de crianças e jovens. (CITELLI, 2004, p. 211)

“Somente assumindo os meios como dimensão estratégica da cultura hoje é que a escola poderá interagir, em primeiro lugar, como os novos campos de experiência surgidos da reorganização dos saberes, dos fluxos de informação e das redes de intercâmbio criativo e lúdico; pelas hibridizações da ciência e da arte, do trabalho e do ócio. E em segundo lugar, com os novos modos de representação e ação cidadãos que cada dia são mais articuladores do local com o mundial.” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 53)

A escola deve entender o aluno como um sujeito de linguagem e no exercício do discurso é que se dará a aprendizagem, ensinando o sujeito a reconhecer-se no processo de transformação, transformando-se. (CITELLI, 2004, p. 111)

A apropriação da palavra se dá pelo exercício, pela pronúncia e pela aplicação. Não basta ler ou ouvir, tem de se aplicar, e essa aplicação só é possível com a comunicação. Na visão de Kaplún (1999), a educação é um processo de múltiplos fluxos comunicativos e será mais rica o quanto for a trama de interações comunicacionais. Para isso, os meios na educação tem o potencial de promover o diálogo e a participação, se aplicados de maneira crítica e criativa.

Para Moran (1993, p. 25) o problema que a educação enfrenta é justamente por privilegiar o conteúdo – desvinculado da vida – não permitindo que o aluno encontre “seu eixo fundamental” e com isso possa exercer uma postura ativa.

“(…) o construtivismo, enquanto proposta pedagógica, e as mediações, como objeto de análise da ciência da comunicação, são projetos teóricos metodológicos que reforçam a importância de uma educação voltada para o ambiente sócio cultural do aluno, com conteúdos relacionados às suas necessidades, às suas crenças e ao seu cotidiano, deixando de lado o universalismo predominante, até bem pouco tempo, na prática docente.” (SOARES, 2001, p. 51)

Paulo Freire (apud MORAN, 1993, p.31) destaca a relação dialética entre o homem e seu ambiente. Para o autor, a passagem – da consciência ingênua para a consciência crítica – se dá pela tomada de consciência, “ao sair de um contexto inadequado, incompleto para explicar o presente e conseguir perceber uma forma de participação efetiva, objetiva, afetiva e crítica, como sujeito do processo histórico.”

Para Gómez (1997, p. 60) enquanto a escola quer produzir uma situação propícia para o ensino-aprendizagem, “os meios de comunicação reproduzem situações reais, que se não tem muito a ver com o ensino, tem a ver e muito mais com a facilitação da aprendizagem”, na medida em que os meios, com suas mensagens e programas, configuram um estímulo para a imaginação. Contudo, o autor não defende que se deixe de lado os elementos negativos dos meios, “os antivalores e a saturação informativa” que eles trazem, mas que se construa “um juízo muito menos maniqueísta e muito mais integrado”, para que se desenvolvam estratégias que visem tornar crianças e jovens mais autônomos e críticos frente as mensagens nocivas e capazes de se beneficiar dos aspectos positivos (GÓMEZ, 1997, p. 64).

Martín-Barbero (apud Soares, 2001, p.38) traz um novo conceito para se pensar a intervenção dos meios: o ecossistema comunicativo. Para o autor, a escola precisa pensar mais no ecossistema comunicativo e menos nos efeitos ideológicos e morais dos meios:

“Ecossistema comunicativo que configura a sociedade ao mesmo tempo como modelo e trama de interações, conformada pelo conjunto de linguagens, escrituras, representações e narrativas que alteram a percepção das relações entre o tempo do ócio e o trabalho, entre o espaço privado e o público, penetrando de forma não mais pontual – pela imediata exposição ao meio ou pelo contato com ele -, mas transversal, a vida cotidiana, o horizonte de seus saberes, gírias e rotinas. A crítica indispensável, tanto dos conteúdos como das formas de sedução dos meios audiovisuais, só será válida e socialmente eficaz quando a escola for capaz de inserir essa crítica em um projeto de mudança educativa de envergadura cultural.” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 55)

Soares (2001) afirma que não há um modelo de ecossistema comunicativo, mas diversos, segundo os graus de interatividade presentes nos processos de trocas simbólicas. No espaço escolar, uma comunicação essencialmente dialógica e participativa só se efetivará com a gestão compartilhada (professor/aluno/comunidade escolar) dos recursos e processos da informação. A relação dialógica não é dada pela tecnologia adotada, e sim por um tipo de convívio humano, pela construção de modalidades abertas e criativas de relacionamento, que reconhecem a legitimidade do diálogo como metodologia de ensino, aprendizagem e convivência. (SOARES, 2011)

A educação não terá a capacidade de se renovar com a mudança de técnicas e a introdução de tecnologias, segundo Martín-Barbero (2014, p. 66) “só seria capaz de amenizar o tédio da rotina cotidiana”, por isso as novas técnicas e tecnologias no campo da educação devem respeitar a dimensão comunicativa e cultural dos meios.

“Um dos deslocamentos que deve ser contemplados, numa visão mais dialética da presença tecnológica no mundo, diz respeito, pois, à transferência de um modelo de comunicação linear a um modelo de redes, de comunicação distribuída” (SOARES, 2001, p. 39).

O caminho que está posto para a escola é compreender o seu papel enquanto mediadora e com isso, superar a utilização de recursos e instrumentos - sob a ótica de dinamizar o ensino e se aproximar da linguagem do jovem – para alcançar uma educação reflexiva investindo na produção midiática crítica.

A educomunicação reconhece o direito universal à expressão, tanto da mídia quanto de seu público. Para isso visa a ampliação do potencial comunicativo dos sujeitos e insere no seu arcabouço teórico conceitos como: “democracia, dialogicidade, expressão comunicativa, gestão compartilhada dos recursos da informação” (SOARES, 2011, p. 18).

E são nesses conceitos que encontra-se o suporte para avaliar as ações de comunicação desenvolvidas pelos professores da Escola Estadual Reverendo Augusto Paes de Avilla. A educomunicação está inserida no contexto complexo, interdisciplinar e transdisciplinar, que não se restringe ao uso de recursos da comunicação e da informação, por isso a intenção não é responder se as práticas são ou não educacionais – até porque os professores da escola não conhecem o campo - e sim, identificar elementos da educomunicação que estão presentes nas salas de aula ou nos projetos desenvolvidos pelos professores, considerando inclusive, que a sistematização dessas práticas pode contribuir para a disseminação do campo para a comunidade escolar e incentivar novas práticas, de novos professores e alunos.

Entre as salas de aula

O título sugere a primeira pista que foi observada no contato com os professores: a interdisciplinaridade. A maior parte das ações apontadas por eles em relação à comunicação na educação foi desenvolvida em parceria com seus pares. O modelo proposto pelo Programa de Ensino Integral incentiva os professores a realizarem ações conjuntas, por meio das Disciplinas Eletivas⁴, como exemplo a Disciplina de Contos que resultou no lançamento do livro – “Multiverso, criando mundos e universos” – proposta pelos professores de Língua Portuguesa e Filosofia; e também a de Fotografia realizada pelas

⁴ São disciplinas que compõem o currículo diversificado e propostas por no mínimo dois professores de disciplinas distintas, acontecem duas vezes no ano, com linguagens diversificadas. Essas linguagens são definidas pelos professores em conjunto com os alunos.

professoras de Física e Língua Portuguesa. Ao final de cada semestre é realizado um evento na escola para compartilhar as produções e experiências das disciplinas eletivas. Porém, outras ações que surgem em sala de aula, seja por demanda dos próprios professores ou dos alunos, também são realizadas em parceria. A exemplo do professor de Língua Portuguesa, que abordou o tema do jornalismo e pretende fazer uma Exposição de Foto Jornalismo denominada “O Sabor da Língua Portuguesa” em parceria com o professor de matemática, que também tem a intenção de realizar uma exposição fotográfica. O professor de Educação Física relatou a parceria com professores de Artes e Língua Portuguesa no trabalho em torno do tema: “padrões e estereótipos de beleza presentes nas mídias”, do qual se utilizou de imagens de revistas impressas e da internet para debater com os alunos.

Todos os professores entrevistados utilizam os recursos da comunicação e da informação como suporte na sala de aula, a internet é o principal deles, mas nem todos fazem uso de forma crítica ou compreendem a importância de trabalhar com o universo cultural midiático em que os jovens estão inseridos. Pode-se dizer, neste caso, que a formação, a área de atuação e o perfil dos docentes são indicadores para esse uso qualificado dos meios. Nota-se que o professor de Língua Portuguesa aparece mais nas ações em parceria com outros professores e foi também o que mais abordou conteúdos relacionados à comunicação em sala de aula. A sua formação é em Letras mas, conforme apontado por ele, sempre houve proximidade com os cursos de comunicação durante a sua graduação, seja por meio dos professores da Universidade que eram os mesmos, ou por iniciativa própria. A professora de Artes sempre foi apaixonada por publicidade, é voluntária em uma rádio há três anos e está cursando pós-graduação em Comunicação e Jornalismo. As mídias estão muito presentes nas suas aulas, com experiências de produção de curtas metragens, vídeo clipes, edição de áudio, animação gráfica, foto novela e produção de festivais musicais. Já o professor de Filosofia, com formação na área, contou que seu objetivo é desenvolver o senso crítico dos seus alunos.

“Isso acontece com as aulas expositivas, eu insiro uma aula mais dialógica, com a participação mais intensa do aluno, incentivo muito a realização de debates em sala e atividades em grupo propondo uma reflexão coletiva sobre o tema.” Professor de Filosofia.

O professor considera o debate em torno das mídias espontâneo, “surge no meio de uma explicação, em um comentário do aluno, de forma natural”. Segundo ele, já houve ações planejadas com análise de charges, recortes de jornais, mas a maior parte das vezes é espontâneo pela própria característica da sua disciplina. Na entrevista, a visão

contextualizada sobre o papel social da escola enquanto mediadora dos conteúdos midiáticos, foi revelada em algumas falas e traz o sentido não só do uso ou da produção de mídias mas a importância da mediação:

“Eu pessoalmente tenho uma opinião, acho que a escola tem que reproduzir o meio social em que ela está inserida, a escola não é uma dimensão paralela, a escola é uma preparação para o educando, tem que se apropriar, trazer todo esse arcabouço para dentro, não só o multimeio mas a cultura midiática, discutir uma novela, uma série, um documentário, problematizar uma questão que surgiu em um reality show (e isso eu trabalho na questão da ética), a mídia permeia a nossa sociedade e a escola faz parte da nossa sociedade.” Professor de Filosofia.

Nos três casos destacados, os professores possuem entre 36 a 38 anos e utilizam as redes sociais digitais tanto para uso pessoal como para melhorar a comunicação com os jovens – as mais citados foram os grupos de whatsapp, facebook e blog's.

A outra metade dos professores entrevistados são das disciplinas de Matemática, Educação Física e a professora responsável pela Sala de Leitura, que possuem entre 47 a 51 anos e não possuem cursos complementares voltados à área da comunicação. Apesar disso, eles utilizam os recursos da comunicação e estão conectados as redes mas, pelas práticas reveladas, o uso é muito mais como dinamizador do ensino do que como uma dimensão estratégica da cultura, como defende Martín-Barbero (2014).

O fato do Programa de Ensino Integral orientar o uso das tecnologias e fornecer, para isso, equipamentos e infraestrutura necessária, faz com que os professores incluam essa prática em sala de aula, com o uso de softwares e da internet. A jornada integral dos professores na escola prevê horas de estudo que podem ser destinadas, inclusive, para o estudo da comunicação e o desenvolvimento de habilidades para lidar com os suportes e recursos da comunicação e da tecnologia, mas isso acontece de acordo com as necessidades e interesses de cada um, pois a Escola e a Secretaria de Educação não ofereceram até hoje nenhuma formação nesta área. Apesar disso, a influência do modelo pedagógico proposto no Programa foi apontado pelos professores de Artes, Português e Filosofia, como uma oportunidade de desenvolver metodologias mais participativas e dialógicas, possibilitando, assim, uma maior abertura para a educomunicação.

“O que faz a gente se apaixonar por este programa é que o professor deixa de ser o detentor do saber e faz junto com o aluno”. Professora de Artes.

“O modelo faz com que o aluno seja mais participativo, interaja mais com o professor e com a aula, se ele quer discutir um filme, uma série, ele traz porquê se sente acolhido, ele sabe que vai ter espaço para isso, seja no clube, nas eletivas, na sala, na tutoria.” Professor de Filosofia.

“Preciso utilizar o que está no universo do aluno. Como vou falar que o aluno não pode utilizar o recurso que ele tem contato o tempo todo? Como não vou usar a televisão? Tem gente que ainda hoje acha que passar algo na televisão é porque você está enrolando, ele (aluno) assiste desde que nasceu, como você não vai usar o facebook, como não participar do grupo do whatsapp?” Professor de Língua Portuguesa.

O professor de Língua Portuguesa, por exemplo, trabalha com séries televisivas do Netflix baseadas em contos literários e afirma:

“Os alunos já conheciam o Netflix e ficaram muito animados, quando você pega coisas que são do universo deles, eles falam: quer dizer que isso que é do meu universo é importante? Porque às vezes a escola dá valor para umas coisas e o que é do universo deles não, isso que você gosta não vale a pena, não é bacana.” Professor de Língua Portuguesa.

Considerando que esses três professores trouxeram de forma mais sistemática e contextualizada a relação entre comunicação e educação, parte-se para a análise em torno dos elementos da educomunicação presentes nas experiências relatadas. É importante ressaltar que somente dois professores – de Artes e Língua Portuguesa – já ouviram falar em educomunicação. Os professores de Matemática, Educação Física e da Sala de Leitura, não forneceram subsídios suficientes para uma análise consistente, visto que as práticas relatadas estão centradas no uso de tecnologias e/ou são muito pontuais.

A dialogicidade é o primeiro elemento da educomunicação identificado nas práticas dos três professores, devido a alguns fatores, como: aproximar os conteúdos e atividades da realidade dos alunos, do seu contexto sócio-histórico-cultural; considerar os novos modos de aprender dos estudantes imersos na cultura digital, trazendo além do texto, a imagem, o som e o audiovisual; promover a participação e o debate visando a criticidade.

O diálogo é para a educomunicação um pressuposto, um primeiro passo em direção a interação dos sujeitos sociais, e é a partir dele que será possível exercitar a linguagem, a participação e a criticidade.

“As sociedades a que se nega o diálogo – a comunicação – e, em seu lugar, se lhes oferecem ‘comunicados’, resultantes de compulsão ou doação, se fazem preponderantemente mudas. O mutismo não é propriamente inexistência de resposta. É resposta a que falta teor marcadamente crítico.” (FREIRE, 1976, p. 69)

O uso ou a produção de mídias pelos estudantes, não garante o diálogo efetivo e crítico, como sugere Freire, a dialogicidade se manifesta nas ações que promovam a

reflexão e o debate de ideias, em uma comunicação horizontal, na qual o professor não se coloca como o detentor do conhecimento.

O segundo elemento presente e marcante nas práticas é a expressão comunicativa, aqui sim entram as diversas formas de produção e, novamente, de participação de alunos e professores. A expressão comunicativa pode ser mais observada nas Disciplinas Eletivas, já que todas pressupõem uma ou mais produções, como foi o caso do lançamento do livro de Contos, da Fotografia que gerou uma Exposição e a de Curtas-Metragens. Mas a expressão comunicativa está também nas salas de aula em forma de debates, artigos de opinião, nos “relatórios com olhar artístico” – como denominou a professora de Artes para os relatos livres que os alunos produzem quando participam de alguma atividade fora da escola –, dos Festivais de Música, edição de áudio, animação gráfica, entre outros.

O fato de a maioria dos professores terem blogs das suas disciplinas diz de uma intenção e abertura para o diálogo com seus alunos e também revela uma oportunidade para a expressão comunicativa dos próprios professores, uma expressão diferenciada, qualificada, de acordo com a realidade dos alunos.

A democracia e a gestão compartilhada dos recursos são conceitos que desafiam a escola, questionam a sua autoridade e o modelo tradicional de gestão que ainda prevalece nas instituições públicas. Freire refere-se a nossa inexperiência democrática:

“(...) no tipo de formação que tivemos, daquelas condições necessárias à criação de um comportamento participante, que nos tivesse levado à feitura de nossa sociedade, com nossas próprias mãos (...) Teria sido a experiência de autogoverno, de que sempre, realmente, nos distanciamos e quase nunca experimentamos, que nos teria propiciado um melhor exercício da democracia.” (FREIRE, 1976, p. 66)

As disciplinas eletivas configuram um espaço democrático e de gestão compartilhada quando envolvem a comunidade escolar, escutam os alunos sobre seus interesses e os colocam como líderes para fazer a gestão dos recursos junto com os professores. Nas ações em sala de aula percebe-se que o professor ainda é o responsável por sugerir conteúdos e atividades, até mesmo porque ele deve seguir o currículo determinado pela Secretaria de Educação. Os professores possuem também o Caderno do Aluno, uma espécie de apostila que orienta as ações de cada disciplina, nela contém sugestão de temas e atividades para serem realizadas, ou seja, o modelo de educação é pautado em regras, normas e em um sistema de avaliação escolar que não sugere práticas democráticas.

Nas falas dos professores, quando questionados sobre os canais de participação que a escola oferece aos alunos, foram mencionados espaços avaliados por eles como legítimos

de participação e de protagonismo dos estudantes, são eles: os Líderes de Sala que se reúnem periodicamente com a direção da escola, os Clubes Juvenis que são propostos e geridos pelos jovens⁵, o Conselho Participativo em que os alunos se reúnem com os professores e a gestão (diretoria e coordenação) para avaliar a escola e depois apresentam aos pais e o Grêmio Estudantil. Esses instrumentos favorecem o exercício da democracia, da cidadania e da autonomia dos estudantes, e contribuem para que eles transformem o discurso da escola, que muitas vezes está centrado na fala do professor e/ou do diretor, em um discurso de todas as vozes da comunidade escolar (pais, alunos e funcionários), como afirma Freire, para alcançar a democracia é preciso que se tenha condições de participação:

“A democracia que, antes de ser forma política, é forma de vida, se caracteriza sobretudo por forte dose de transitividade de consciência no comportamento do homem. Transitividade que não nasce e nem se desenvolve a não ser dentro de certas condições em que o homem seja lançado ao debate, ao exame de seus problemas e dos problemas comuns. Em que o homem participe. (FREIRE, 1976, p. 80)

A cultura da participação que escola está consolidando pode reverberar nas salas de aula, com alunos mais críticos e participativos – como já foi apontado pelos professores -, mas essa avaliação será a próxima etapa da pesquisa, com a observação das práticas e da interação aluno – professor em sala de aula.

Considerações finais

Como foi visto, alguns elementos da educomunicação como dialogicidade e expressão comunicativa podem ser conferidos pelas experiências citadas pelos professores – e algumas analisadas também nos blog’s dos professores e em visitas à escola -, mas a democracia e a gestão compartilhada de recursos da comunicação e da informação demandam um mergulho nas práticas, nas salas de aula, em que a pesquisadora observe cuidadosamente como as relações são estabelecidas. Conforme indicado, a pesquisa de Mestrado em Comunicação está em andamento e para a próxima etapa será utilizado como procedimento metodológico a observação participante, que de acordo com Peruzzo (2015, p.133-134) “o pesquisador se insere no grupo pesquisado, participando de todas as suas

⁵ Os Clubes Juvenis são uma estratégia do Programa de Ensino Integral que propõe que os jovens escolham a linguagem a ser trabalhada durante um semestre. Os jovens são responsáveis pelo andamento dos clubes, sem interferência dos professores. No 1.º semestre de 2016, na área da comunicação foram realizados os clubes de jornal e rádio.

atividades, ou seja, ele acompanha e vive (com maior ou menor intensidade) a situação concreta que abriga o objeto da sua investigação”.

No entanto, as entrevistas deram conta de mostrar que mesmo não sendo todos os professores da Escola que fazem uso das mídias de forma crítica, aqueles que o fazem estão trilhando o caminho para a educomunicação. A Escola e o modelo do Programa de Ensino Integral não estimulam práticas educacionais ou de uso crítico e participativo das mídias, o que é estimulado por eles é o uso das novas tecnologias, que pode ser entendido por cada professor de diferentes formas, a partir de sua formação e experiências pessoais e profissionais. Na aula de Matemática, por exemplo, a professora é uma entusiasta dos recursos da tecnologia, como os softwares que permitem a interação dos alunos com o conteúdo abordado, segundo ela, os alunos se envolvem muito mais hoje com esse recurso. Porém, essa prática não promove o diálogo, a expressão, o contato com o universo midiático dos jovens, levando em conta o que eles assistem, produzem e interpretam fora da escola.

A área de atuação também é um fator que pode contribuir para o uso das mídias na perspectiva da educomunicação, como apontou a pesquisa, os professores das áreas ligadas às Ciências Humanas como Artes, Filosofia e Língua Portuguesa conseguem relacionar os seus conteúdos com a vida dos alunos, a partir de metodologias participativas que dão conta de ouvir as necessidades e interesses deles, além de possibilitar a expressão comunicativa através das diferentes mídias.

Contudo, é preciso que os programas governamentais não só invistam em equipamentos mas também na formação dos docentes, uma vez que os professores nem sempre encontram nas universidades disciplinas que abordem a relação da comunicação com a educação. A pesquisa exploratória realizada na Escola identificou que dos quinze professores que responderam ao questionário, apenas três tiveram alguma disciplina voltada à comunicação nos seus cursos de graduação e nenhum deles lembrou do o que se tratava, e ainda, dos que fizeram cursos de especialização ou pós-graduação, apenas a professora de Artes está cursando na área da comunicação, por interesse próprio. A Escola também não proporciona momentos formativos, debates ou leituras na área, e a maioria dos professores afirmou não trazer para a sala de aula o debate sobre os conteúdos e as mídias que os alunos tem acesso por não conseguirem vincular ao currículo da disciplina ou por não se sentirem preparados para esse debate. Com isso, percebe-se que as práticas educacionais nas escolas acabam sendo iniciativas individuais de professores e quando muito, realizadas em

parceria com mais um ou dois, como foi o caso apresentado, mas dessa forma não se consolida uma ação comunicativa integrada, em que os professores possam realizar mais ações conjuntas, envolver mais os alunos, em outros espaços da escola que não seja apenas a sala de aula.

Referências bibliográficas

BARROS, Antonio e DUARTE, Jorge (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2015.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e Educação. A linguagem em movimento**. 3 ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. **Professor e meios de comunicação: desafios, estereótipos e pesquisas**. In: Revista Comunicação e Educação, São Paulo: Moderna/CCA-ECA-USP, n.10, set-dez 1997, p. 57- 68.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 6. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1976.

KAPLÚN, Mario. **Processos Educativos e Canais de Comunicação**. In: Revista Comunicação e Educação, São Paulo: CCA/ECA/USP, n. 14, jan-abr 1999, p. 68-75

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na Educação**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

MORAN. José Manuel. **Leitura dos Meios de Comunicação**. São Paulo: Editora Pancast, 1993.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Observação participante e pesquisa-ação**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2015, p. 125 -144

SOARES. Ismar de Oliveira. (coord.). **Caminhos da Educomunicação**. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.

_____. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma no ensino médio**, São Paulo: Paulinas, 2011.

SOBREIRO, Marco Aurélio. **Jornal Escolar: criatividade na sala de aula**. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2006. Dissertação de Mestrado.

Documento retirado da internet:

Documento orientador do Programa Ensino Integral da Secretaria do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/342.pdf>. Acesso em 15/04/2016.